

PRÁTICAS INTERTEXTUAIS E INTERDISCURSIVAS DE LEITURA DAS FÁBULAS*

*Maria Valéria Anderson de Mello Vargas***

Resumo: *Definindo a leitura como uma atividade de linguagem, portanto como uma prática social, um exercício de cidadania, e a fábula como um texto literário que promove a reflexão crítica sobre o comportamento humano, é possível afirmar que práticas intertextuais e interdiscursivas de leitura das fábulas, nas atividades de ensino, proporcionam ao aluno a oportunidade tanto de reflexão sobre os pontos de vista veiculados, quanto de participação na construção de novas hipóteses e soluções para as questões envolvidas naqueles textos. Propõe-se uma revisão conceitual do gênero fábula, traça-se um breve histórico das tradições esópica e indiana e sugerem-se atividades de leitura de duas fábulas clássicas – O brâmane e o pote de farinha e O lobo e o cordeiro – em seu feito original e em releituras de La Fontaine, de Monteiro Lobato, de Millôr Fernandes, de Claudius etc.*

Palavras-chave: *fábula; práticas de leitura; as tradições da fábula; intertextualidade.*

1. A questão da leitura

Tendo em vista a definição de leitura expressa na versão mais recente dos Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa, ou seja, a leitura como um “processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpre-

* Expõe-se, neste texto, o conteúdo do curso ministrado durante o *Seminário de Literatura Infantil e Juvenil*, apresentado no Salão Internacional do Livro de São Paulo – 1999.

** Professora do curso de Língua e Literatura Sânscrita do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e da Área de Semiótica e Linguística Geral do Curso de Pós-graduação em Linguística da FFLCH-USP.

tação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem",¹ é possível compreender aquele ato sobretudo como uma forma de diálogo entre interlocutores, de interação entre indivíduos.

Deve-se também considerar que a leitura envolve as condições de produção de sentido, pois permeia o imaginário do leitor, estabelecendo relações de sentido voltadas para o contexto sociohistórico. Trata-se, pois, da leitura como condição de produção discursiva.

Essa concepção de leitura, se aplicada às atividades de ensino, certamente permitirá ao aluno que se liberte da interpretação conduzida, do lugar-comum, e leia as entrelinhas, estabeleça relações entre o texto e seus próprios conhecimentos e experiências prévias ou, ainda, entre o texto e todos os outros textos já lidos. Trata-se, assim, da leitura não apenas da palavra, da leitura como letramento, mas da leitura profundamente engajada com o exercício do pensamento e da adequação do indivíduo ao meio em que vive.

A compreensão de um texto passa, portanto, por um lado, pela busca das marcas do enunciador projetadas nesse texto e do reconhecimento da maneira por ele adotada para representar o mundo, para relacionar o texto a outros textos que traduzem outras vozes, outros lugares. O texto é sempre marcado por condições de produção, uma vez que não se separa o sujeito, seu mundo e sua história das práticas da linguagem. Deve-se lembrar, entretanto, que a compreensão do texto passa, por outro lado, pelo modo como o interlocutor lê e apreende o conhecimento veiculado pelo texto.

2. O texto literário. A fábula

Uma vez que se propõe abordar o texto literário e tratar da questão da leitura das fábulas nas atividades de ensino, cabe, primeiramente, uma revisão conceitual do gênero literário fábula. Do sentido primitivo do substantivo *fábula* como "conversa", "conversa", "invenção", decorrem outros sentidos, como, por exemplo, "objeto ou assunto de conversa", "narração", "aquilo que se inventa". Decorrem,

ainda, os de "historieta", "narração fictícia ou mentirosa" etc. Vários tipos de narrativa passam, então, a compor o universo semântico desse termo: mito, lenda, conto de fadas, apólogo, parábola. Mas é preciso lembrar que cada um desses gêneros guarda suas peculiaridades.

Para os propósitos deste trabalho, tratar-se-á do gênero fábula representado por textos narrativos compostos por duas partes ou dois discursos bem evidentes: a) a *história*, ou discurso figurativo, da irrealidade, dos personagens fictícios, muitas vezes animais, e b) a *moral da história*, ou discurso temático, da realidade. Entre esses dois discursos, certos marcadores lingüísticos ("*Moral:*", "*A fábula mostra que...*", "*Por isso eu digo...*" etc.) não só estabelecem o elo entre as partes, mas sobretudo apontam a presença de várias vozes do discurso e de vários pontos de vista que determinam o tratamento dado ao conteúdo, com a finalidade de confrontá-lo com o de outros textos, com outras maneiras de perceber o mundo.

Quer-se, ainda, desmistificar a idéia de que a fábula se situa apenas no âmbito da literatura infantil e que, portanto, sua utilização em sala de aula estaria restrita às turmas do primeiro ciclo do ensino fundamental. Rebate-se então a idéia de que as fábulas são expressões da literatura burguesa que não levam a criança a buscar soluções reais para seus problemas e que promovem a fantasia, fortalecendo o conformismo com as estruturas existentes. Mostra-se que, ao contrário, são formas de percepção dos problemas que enfrentamos nas mais diversas situações e fornecem pistas para a solução das crises e para a compreensão das contradições tão comuns nos relacionamentos humanos, razões suficientes para que as fábulas sejam utilizadas em atividades de todos os níveis de ensino.

Por suas peculiaridades de estilo e de dar forma às experiências humanas, as fábulas aparecem com muita frequência na realidade social e no universo escolar e "dialoga" com outros gêneros: jornal, história em quadrinhos, anúncios. É um gênero "maleável", que se ajusta com muita facilidade às práticas sociais de leitura, promovendo a reflexão crítica e o exercício de formas de pensamento, o desenvolvimento da argumentação, da expressão oral, em atividades de dramatização, por exemplo. Sendo fonte de assimilação de conhecimento e também de produção de sentido, possibilita ao leitor/ouvinte a construção de novas hipóteses, de novas formas de perceber o mundo.

As fábulas devem ser lidas também como instrumentos de manipulação do outro, pois revelam as estratégias discursivas de que as pessoas se servem para induzir seus interlocutores ao engano e alterar assim os verdadeiros propósitos de

¹ Cf. BRÄKLING, K.; NOBREGA, M. J. (Org.). *Parâmetros curriculares nacionais da língua portuguesa*. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1998. p.65 Abril/98. p.65.

seus atos. Elas revelam, portanto, as ações humanas, muitas vezes transferindo-as para personagens animais. Essa camuflagem se dá no nível figurativo da fábula, na história propriamente dita, que passa a situar-se no âmbito do imaginário, da mentira, oposto ao plano da realidade, no qual se localiza a moral da história, em que os personagens somos nós, homens.

Mas as fábulas não veiculam simplesmente uma moral, ou um ensinamento, como uma parábola ou um apólogo. Ela vai além, porquanto alerta para a intenção de domínio do mais forte e para a forma de prevenir-se dessa intenção. Dessa maneira, não é a significação universal da moral da história que interessa, mas a intenção de quem dela faz uso.

3. As tradições da fábula

Ao lado das influências da tradição greco-romana da fábula, mais documentada e conhecida entre nós, é preciso considerar as da tradição indiana, mencionada, geralmente, nas historiografias da literatura infantil e juvenil brasileira, como “tradição oriental” da fábula.

Nas abordagens sobre a fábula clássica, é preciso lembrar, portanto, que duas tradições de textos chegaram, por exemplo, a Monteiro Lobato: a tradição greco-romana da fábula, inaugurada por Esopo (VI a.C.) e que teve em Fedro (I d.C.) seu principal veiculador; e a tradição indiana, cujo início se marca com a compilação das fábulas da coleção *Pañcatantra* (lê-se “*Pantchatantra*”), aproximadamente no primeiro século de nossa era, e que se propagou para o ocidente por meio da versão árabe *Calila e Dimna* (VIII d.C.).

Justifica-se a apresentação de um “percurso” da fábula, da antiguidade à contemporaneidade, por ser possível, dessa forma, tratar da questão da intertextualidade, da interdiscursividade e da pluralidade cultural. É possível, nas séries mais adiantadas, apontar as características principais que se manifestaram em coleções de textos da Idade Média, época de encontro das duas tradições da fábula. Podem ser mencionadas as coletâneas que são certamente ramificações da coleção árabe *Calila e Dimna*, originária das fábulas indianas, e outras, por exemplo, a *Disciplina Clericalis*, do século XII, de Pedro Alfonso, baseada no *Livro de Sendebâr*, bem como o *Livro de las Bestias*, de Raimundo Lúlio (séc. XIII-XIV), cujos textos revelam uma verdadeira fusão de peculiaridades de uma e de outra tradição de fábulas.

Pode-se, ainda, tecer considerações sobre os textos que inspiraram La Fontaine na elaboração de seus textos e realçar a intenção do fabulista francês de dar às fábulas dos Livros VII a XI de sua obra um ar e uma forma um pouco diferentes daqueles que dera às primeiras, baseadas, em grande parte, na tradição esópica, tanto em razão da diferença de temas, quanto para dar mais variedade à obra, conforme o próprio La Fontaine revela no prefácio ao Livro VII de sua coleção de fábulas.²

Nesse traçado histórico é possível situar as adaptações e novas leituras de textos das duas tradições da fábula, produzidas por fabulistas brasileiros, como Monteiro Lobato, Millôr Fernandes, Claudius e outros.

4. Sugestões de estratégias de leitura das fábulas

Sugere-se ao professor a análise de duas fábulas: a) a primeira, da tradição indiana, *O brâmane e o pote de farinha*, na versão para o português de M. Valéria A. M. Vargas, ao lado dos textos *A leiteira e o pote de leite*, de La Fontaine, *A menina do leite*, de Monteiro Lobato, *Eu tropeço e não desisto*, de Giselda Laporta Nicoletis, e, ainda, da história em quadrinhos de Maurício de Sousa, *O ovo*; b) a segunda, da tradição esópica, *O lobo e o cordeiro*, na versão para o português de Neide Smolka, ao lado dos textos de La Fontaine, de Monteiro Lobato e de Millôr Fernandes, todos com o mesmo título, o de Claudius, *O lobo e a ovelha*, e, ainda, a versão de Juó Bananére, *O lobo e o cordeirinho*.³

O leitor deve verificar que, no nível figurativo, as várias versões de um mesmo texto apresentam as mesmas figuras: o personagem que “sonha” acordado, o lobo e o cordeiro, ou o lobo e a ovelha. Deve, ainda, perceber a grande variedade

² Utilizamos neste trabalho a tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. *Fábulas de La Fontaine*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989. 2 v.

³ O texto de Neide Smolka encontra-se em *Esopo. Fábulas completas*. São Paulo: Moderna, 1994; os de Monteiro Lobato, em *Fábulas*. 31. ed. São Paulo: Brasiliense; o de Millôr Fernandes, em *Fábulas fabulosas*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1963; o de Claudius, em *Era uma vez... Fábulas políticas de Claudius*. São Paulo: Brasiliense, 1980; a obra de Giselda Laporta Nicoletis, *Eu tropeço e não desisto*, é uma publicação da Ed. Moderna, de 1992; a versão de Bananére, *O lobo e o cordeirinho*, e a fábula indiana *O brâmane e o pote de farinha*, esta apresentada por meio de traduções do sânscrito feitas pela autora deste artigo, compõem o material didático utilizado em aulas de Literatura Sânscrita Clássica, ministradas na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

de temas e motivos que foram se incorporando aos das manifestações mais antigas; alguns foram substituídos e outros, adaptados a cada meio onde as histórias se manifestaram. Durante a leitura, deve-se ressaltar essas variações e adaptações, mas o essencial é demonstrar ao aluno a permanência dos procedimentos de enunciação e dos padrões de textualidade desses discursos.

Deve-se mostrar que as fábulas vão se modificando e adaptando-se às novas maneiras de perceber o mundo, de acordo com o pensamento, interesses e anseios dos povos que ouvem e contam essas histórias, mas o texto clássico é sempre reconhecido nas mais diversas adaptações e recriações das fábulas. Revelam-se, pois, traços do modelo e evidencia-se o padrão da intertextualidade, na medida em que o novo texto “dialoga” com outro que vai também ser lido a uma nova luz.

Assim, por meio do exame das várias versões de uma mesma fábula, pode-se fornecer ao aluno, mesmo ao das primeiras séries, noções sobre a intertextualidade. Nas séries mais adiantadas, a elaboração de texto argumentativo deverá vincular-se estreitamente à possibilidade de o aluno estabelecer relações intertextuais e interdiscursivas, situando suas reflexões, portanto, num contexto multidisciplinar.

Na coleção *Pañcatantra*, “Cinco livros”, apresenta-se a história do brâmane Visnuçarman, incumbido pelo rei de ensinar aos príncipes os preceitos adequados a um guerreiro, sobretudo os relacionados à batalha e ao bom governo. Mas, ao lado desse imperativo ético, o que Visnuçarman propõe, por meio de fábulas, inseridas umas nas outras, é uma discussão sobre a moral secular, que pressupõe um mundo cheio de competição e a sobrevivência do mais esperto. Seu discurso é repleto de regras e ensinamentos presentes nos códigos de leis e que equivalem exatamente à função dos ditados e provérbios, ou seja, conferem ao discurso uma espécie de autoridade proveniente da sabedoria dos antigos, de autoridade indiscutível. Mas, ao mesmo tempo, fazem pressupor que existe uma diferença entre essa sabedoria universal e a realidade social e, assim, passam a funcionar como eficiente modelo para quem procura afirmar a verdade de seus enunciados ou procura “fantasiá-los” de verdade.

A fábula *O brâmane e o pote de farinha* apresenta a avidez de um brâmane que, depois de encher um pote com a farinha que recebera como esmola, põe-se a imaginar coisas e coisas a obter com a venda daquele produto, mas desperta do sonho dando um pontapé no pote, fonte de seus irrealizáveis projetos. No caminho dessa fábula para o ocidente, o brâmane deve ter sido substituído por uma mulher,

uma leiteira, na Idade Média, quando fábulas antigas eram utilizadas principalmente para a pregação da moral cristã e não caberia nesses propósitos a atribuição da cobiça a um religioso. Assim, o personagem chega a La Fontaine já transformado em mulher.

No texto de Lobato, *A menina do leite*, a história se reveste de elementos do universo infantil. Laurinha vai vender o primeiro leite de sua vaquinha mocha e, como o brâmane, constrói castelos no ar. Cai, esfola o joelho e lamenta, vendo o leite derramado. É interessante mostrar que um dos reflexos mais evidentes da fábula indiana no texto de Lobato é que a narrativa extrapola para o domínio do ouvinte/leitor. Os personagens da fábula indiana dialogam por meio da narrativa de fábulas, umas inseridas nas outras, num processo evidente de intertextualidade explícita. No discurso dos personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo, também se revela um ambiente de diálogo, de conversa, de língua falada, que contrasta com o texto narrativo da fábula propriamente dita. Muitas vezes, Lobato não apresenta a moral imediatamente depois da história. Os personagens do sítio discutem a fábula que acabaram de ouvir de Dona Benta e, no âmbito dessa discussão, questionam as “verdades universais”. Dessa forma, a fábula vai comprovar sua verdade na instância crítica, no ambiente do sítio, em que Dona Benta exerce a mesma função de Visnuçarman, o brâmane que no *Pañcatantra* fora incumbido de instruir os jovens príncipes. Lobato, por meio da personagem Dona Benta, procura discutir os problemas sociais de sua época, tendo em vista a formação, já na criança, do raciocínio e do julgamento. Do mesmo modo, La Fontaine alerta para as vicissitudes do comportamento humano.

Propõe-se, também, o uso de outros tipos de textos, como, por exemplo, a obra de literatura infanto-juvenil de Giselda L. Nicoletis, *Eu tropeço e não desisto*, em que, depois da narração da fábula tradicional, esta insere-se no âmbito do conto de fadas. Surge assim uma boa oportunidade para que o professor aponte as características desse outro gênero narrativo, útil também na formação do leitor crítico. Pode-se examinar, ainda, a história em quadrinhos de Maurício de Souza, *O ovo*, na qual o personagem Chico Bento também “sonha acordado” e se dá mal. É oportuno mostrar ao aluno as diferentes formas de comunicação. Podem ser aplicadas, por exemplo, atividades de transformação da linguagem visual em linguagem verbal; pode-se também explorar a questão da variação lingüística, solicitando ao aluno que produza um texto em que a fala de Chico Bento mostre a linguagem do tipo regional que ele representa.

Nas atividades de leitura da segunda fábula, *O lobo e o cordeiro*, da tradição esópica, deve-se reforçar o caráter dialógico do texto, explorando, primeiramente, a contraposição do discurso do lobo ao do cordeiro. Embora o cordeiro apresente razões convincentes, capazes de derrubar a falsidade da argumentação do lobo, o discurso do mais poderoso vence. Pode-se verificar em que medida as fábulas de La Fontaine e de Lobato coincidem com o texto mais antigo, porém é necessário considerar novamente o prolongamento da fábula de Lobato para o ambiente do Sítio do Pica-Pau Amarelo, onde são expostas reflexões sobre a fábula que vão quebrar o lugar-comum e proporcionar ao aluno a oportunidade de explorar e questionar as pretensas “verdades inquestionáveis” da fábula. Isso poderá ser reforçado com o exame da fábula de Millôr Fernandes que, narrando a fábula clássica, narra uma outra fábula, transformando a primeira. Nessa nova versão, o cordeiro mostra-se mais esperto que o lobo, ganha tempo e consegue safar-se. Convém, assim, explorar o conteúdo da moral da fábula de Millôr: “Quando o lobo tem fome, não deve se meter em filosofias”. Outra nova fábula é a de Claudius, *O lobo e a ovelha*, que apresenta vestígios da fábula clássica, não só por meio da palavra, mas sobretudo com o apelo à comunicação visual, ao desenho. O lobo, comedor de ovelhas, decide seqüestrar uma delas para ensiná-la a ser e a agir como ele, pois assim ele não se daria mais ao trabalho de caçar. Seu plano dá certo, porém a ovelha, que aprendera a caçar, aprendera também a gostar de sangue. Em vez de moral da história, Claudius apresenta, no final do texto, um forte apelo visual: a imagem da ovelha a expressar a mesma avidez do lobo por sangue.

Ampliando mais ainda o leque de possibilidades de leitura dessa fábula, sugere-se a leitura da versão de Juó Bananére, em que o lobo representa claramente os brasileiros que humilhavam os italianos (cordeiros), no início do século XX, época de predominância da colônia italiana nos bairros da Mooca, Belenzinho e Brás. Pode-se propor atividades de pesquisa sobre a mistura das culturas, sobre o papel do imigrante italiano e principalmente sobre a língua que tentavam falar naquela época e que Bananére usa para veicular sua versão da fábula: não era o português, tampouco o italiano, mas uma mistura de expressões e de estruturas das duas línguas, muitas delas presentes ainda hoje na fala dos descendentes de italianos. Enfim, é possível envolver, na leitura dessa fábula, outras disciplinas, como História, Geografia, Estudos Sociais, Artes etc.

5. Conclusões

A fábula clássica promove, tanto quanto a fábula moderna, a interpretação, por parte do leitor/ouvinte, do ponto de vista que o autor manifesta, mas também permite que se varie esse ponto de vista. Os alunos podem ser estimulados então a criar outros textos, sugerindo histórias para diferentes morais ou criar morais para histórias narradas. Nesse processo de produção de sentido, o importante é ressaltar que se dá, antes de tudo, a produção de conhecimento, entendido como resultado de um trabalho conjunto de construção e não como coleta de informações veiculadas pelos livros ou pelo professor.

Pode-se e deve-se tentar recuperar entre os alunos o valor e a grande utilidade da fábula para o desenvolvimento de sua personalidade e de seu ajustamento ao mundo. É conveniente, pois, propor reflexões acerca de como se deve agir diante de conceitos aparentemente estagnados, fixados como verdades consagradas. Atividades desse tipo podem servir para que o aluno se liberte do lugar-comum, assumindo postura crítica e produzindo textos convincentes, suscetíveis de serem considerados como produtos de uma prática social, como um exercício de verdadeira cidadania.

Abstract: *Defining reading as a language activity, therefore as a social practice, or an exercise of citizenship, and the fable as a literary text which promotes the critical reflection about human behavior, we can say that, in teaching activities, some intertextual and interdiscursive practices of fable readings provide to the student not only the opportunity to think about the introduced points of view but also the participation in the construction of new hypothesis and solutions for the matters involved in those texts. It is proposed a conceptual revision of the fable genre outlining a brief historical report of Aesopian and Indian traditions and so suggesting some reading activities of two classical fables: The brahman and the flour pot and The wolf and the lamb in their original forms and in readings of La Fontaine, Monteiro Lobato, Millôr Fernandes, Claudius and so on.*

Keywords: *fable; reading practices; the fable traditions; intertextuality.*